

Ser teudo de responder ou ter de responder: sobre a emergência de usos deônticos de ter de (que) + INF em português¹

Maria Teresa Brocardo

CLUNL/NOVA FCSH

Abstract:

This proposal is part of an ongoing diachronic research on *ter* and *haver* ('have') in Portuguese, focusing in particular on the emergence of deontic constructions with *ter*. In this article I analyze data retrieved from a diachronic corpus and discuss the chronology and conditioning factors of the changes involved in both the disuse of *ser teudo de* [have-passive Prep] INF, a construction largely attested in Portuguese past stages, and the innovation *ter de* [have Prep] INF. Both constructions appear to have similar deontic readings, yet the data suggest that they are not diachronically linked, the latter appearing only in a much later period. Following the presentation of theoretical and methodological issues, the retrieved data are described and discussed, the main conclusions being that: the obsolescence of *ser teudo* appears to be related to morphophonological factors (probably among others); the modal construction *ter de* INF emerged late in Portuguese and is probably a variant of *ter que* INF; *ter que* INF, the original deontic construction, emerged by reanalysis of structures where *que* was originally a relative pronoun (referring the object of *ter*), in ambiguous contexts which favored the new interpretation of the structure as a modal construction.

Keywords: diachrony, Portuguese 'have' verbs, deontic modal constructions, competition

Palavras-chave: diacronia, *ter* e *haver*, construções modais deônticas, competição

1. Enquadramento e objetivos

O presente trabalho tem como objetivo geral alargar o estudo da diacronia de *ter* em português, focando-se especificamente na emergência de construções com este verbo em que se geram valores caracterizáveis como modais deônticos. Pretende-se nomeadamente, a partir da exploração de um conjunto de fontes textuais de fases passadas da língua, aduzir dados cuja descrição possa contribuir para esclarecer aspetos da emergência dessas construções, quer em termos de cronologia, quer no que respeita à identificação dos fatores que lhe estarão associados.

A presente proposta enquadra-se em investigação que tem vindo a ser desenvolvida não apenas sobre *ter*, mas que inclui necessariamente *haver*, estando os dois verbos indissociavelmente ligados na diacronia do português, como é sabido. Tendo como base este pressuposto, a investigação, realizada e em curso, tem em conta a competição entre estes verbos, com diferentes funcionamentos. Em estudos anteriores, explorei aspetos da diacronia de *haver* e *ter* como verbos principais plenos em estruturas de 'posse' e como verbos principais com funcionamento de verbos leves (Brocardo & Correia, 2005; Brocardo, 2006); construções com estes verbos com leituras epistémicas (Brocardo, 2018a); construções com *haver* em que se associam a expressão de valores temporais (de futuro) e de valores modais (Brocardo, 2013)². É sobretudo na sequência deste último que se situa o presente trabalho, como exporei em seguida.

¹ Agradeço os comentários da/os revisora/es anónima/os.

² Noutros trabalhos (Brocardo, 2009a; 2018b) apresentei, de modo sintético, as perspetivas e propostas gerais desta investigação sobre *haver* e *ter* na história do português, incluindo também a questão da sua emergência como auxiliares de tempos compostos (Brocardo, 2009b).



Em contraste com o que mais geralmente se observa diacronicamente, que é a obsolescência de *haver*, total (verbo principal transitivo, pleno ou leve) ou tendencial (auxiliar de tempos compostos), há persistência de *haver* nas construções com INF. Este tipo de construções atesta-se desde os testemunhos mais antigos do português (v. alguns exemplos em, e.o., Mattos e Silva, 1989: 467; Brocardo, 2013: 82-84). João de Barros (1540) refere-o, justamente ao descrever o verbo, nestes termos: «E quando [*hei, há*s] se ajunta a verbo sempre é do modo infinito, e denota algum auto por fazer; e per ele soprimos o particípio futuro na voz ativa que os latinos têm de que carecemos, como: *Eu hei de ler os livros, de que espero alcançar doutrina*» (edição de Buescu, 1971). *Haver de* INF, em fases passadas da língua, aparenta exprimir um valor algo diferente do que exprime (mais) geralmente em português contemporâneo, associando à marcação temporal de posterioridade uma leitura de obrigação, embora, naturalmente, a interpretação esteja também condicionada pela coocorrência da marcação de outras categorias, de tempo ou pessoa, por exemplo. Assim, Mattos e Silva (2008: 444) afirma que «[n]o período arcaico *aver de* corresponde a *ter de* [no português contemporâneo] para a expressão da obrigação / necessidade», não registando *ter* neste tipo de construções com INF, ausência que tinha a mesma autora já expressamente observado em Mattos e Silva (1989: 466, nota 7). No mesmo sentido, já Said Ali (1964⁶: §829) dera conta de que «*Haver de partir* é linguagem antiga e caracteriza o aspecto necessitativo. Do século XVIII para cá usa-se, a par desta forma, *ter de partir*, com sentido especializado, indicando que a ação a praticar não depende da vontade do sujeito.»

À partida, portanto, a persistência de *haver* em construções com INF contrasta, nas fases mais antigas da língua pelo menos, com a não ocorrência de *ter* no mesmo tipo de estruturas, quando, note-se, a competição entre os dois verbos é geralmente precoce nos outros funcionamentos acima referidos. Outro aspeto também a ser desde já notado é o de uma aparente tendência de diferenciação dos valores marcados pelas construções com *haver* e *ter*, considerando aqui os valores modais deônticos e a ocorrência dos dois verbos num mesmo contexto,³ quando não parece observar-se tal diferenciação noutros usos dos dois verbos.

A emergência tardia de *ter de* INF contrasta, no entanto, com o número elevado de atestações, desde a documentação mais antiga, da expressão, na forma passiva, *ser teudo* (Prep) INF com claro valor de obrigação, como se exemplifica em (1):

(1) e as *que* ñ tirar ata Natal des ali auãte ñ deuẽ a **seer teudos de lhj responder** por elas ja desse ano. (*Costumes de Santarém*, século XIII)

Um dos objetivos específicos deste trabalho será, assim, aferir a cronologia da emergência da construção deôntica com *ter* e INF, aduzindo dados que permitam (ou não) confirmar a dissociação, em termos diacrónicos, desta emergência relativamente a *ser teudo* INF, que se atesta em testemunhos antigos.

Por outro lado, pretende-se, com base na análise dos dados aduzidos, e confirmando-se a dissociação referida, discutir a hipótese de a construção ‘moderna’ *ter* tido origem em contextos em que ocorre a sequência *ter que* INF, em que *que* funcionaria, originalmente, como relativo, mas que em várias atestações, como a exemplificada em (2), parece ter já uma interpretação ambígua:

(2) elrey lhe disse que se não agastase, que folgase algũs dias, que lhe queria mamdar mostrar algũas cousas, e que **tinha que fallar** com elle. (*Cónica dos Reis de Bisnaga*, século XVI)

Pretende-se, por fim, discutir se a persistente produtividade de *haver de* INF na diacronia do português terá, concomitantemente, funcionado como fator condicionante da mudança, com intervenção da analogia.⁴

³ Note-se que *haver de* INF e *ter de* INF poderão marcar um mesmo valor. Assim, por exemplo, em Oliveira & Mendes (2013: 647; 650) é referido para, respetivamente, *ter* e *haver*, o valor de ‘obrigação’. Mas a sua ocorrência exatamente no mesmo contexto parece determinar leituras diferentes, cf. *Hei de / tenho de ir a Paris*; *Hás de / tens de acabar o curso*.

⁴ Veja-se Lapesa (2000: 883), que refere, para o espanhol, a emergência de *tener que* INF a partir de construções originalmente com *que* relativo, e a emergência de *tener de* INF (em fases passadas da língua) ‘por contágio’ de *haber de* (cf. também Fernández Martí, 2018).



Toma-se como enquadramento teórico geral, assumido de forma crítica, os estudos de gramaticalização de formas e construções (Hopper & Traugott, 2003²; Heine, 2003, e. o.)⁵ e em particular os que assinalam diferentes tipos de ‘contextos’ («bridging contexts», Heine, 2002, ou «critical contexts», Diewald, 2006) como decisivos na emergência de inovações em termos funcionais. Considera-se, ainda, que no âmbito deste trabalho será necessário discutir a relevância da competição (Berg, 2014) entre formas / construções, eventualmente incluindo a discussão do papel da analogia, como, por exemplo, proposto, com diferentes orientações, por Fischer (2013) e De Smet *et al.* (2018). Este último aspeto, porém, não será aqui explorado, visto que implicaria um alargamento muito significativo da recolha e análise de dados que não foi ainda possível levar a cabo.

O presente trabalho organiza-se do seguinte modo. Na secção 2 apresenta-se o corpus, referindo as fontes textuais usadas para a pesquisa de dados. A secção 3 centra-se na descrição de ocorrências das formas / construções que são objeto de estudo, começando por se dar conta de atestações da expressão *ser teudo* assinalada nos testemunhos mais antigos (3.1) e contemplando depois as ocorrências que atestam a emergência de diferentes estruturas com *ter* e INF (3.2). Em 4 apresentam-se e discutem-se as conclusões, em termos de hipóteses formuláveis a partir da análise dos dados.

2. Fontes textuais exploradas

Os dados que suportam o presente trabalho, no que respeita especificamente à emergência de construções com *ter de /que* INF, foram recolhidos em fontes textuais correspondentes a testemunhos dos séculos XV a XVIII, sendo esta cronologia justificada pelas referências já citadas de trabalhos anteriores, e por pesquisas prévias, que de modo claro indicaram ser este o recorte temporal (mais) relevante no âmbito da temática do estudo. Complementarmente, incluíram-se no corpus fontes textuais representadas em testemunhos cronologicamente anteriores (séculos XIII e XIV) tendo em vista quer aferir a (não) atestação mais precoce de construções com INF, quer assinalar as diferentes estruturas em que ocorre a expressão de forma passiva *ser teudo*, bem como tentar delimitar, ainda que de modo apenas indicativo, o limite temporal do seu uso, ou seja, procurar determinar quando terá sofrido obsolescência.

Dadas as muitas variáveis inerentes às pesquisas a efetuar, e tendo também consciência de outros problemas e limitações, não se procedeu a pesquisas em corpora já constituídos, tendo-se antes procedido a uma seleção prévia dos textos a explorar. Propõe-se, pois, uma análise não estrita ou predominantemente quantitativa, antes assumidamente limitada em termos de abrangência, tendo-se antes privilegiado, neste ponto da investigação e em função do objeto de estudo, a descrição e análise mais próxima de atestações levantadas exaustivamente num conjunto previamente delimitado de fontes textuais. Selecionaram-se, à partida, fontes transmitidas em testemunhos que, quando não são originais, apresentam uma datação não excessivamente distante da pressuposta data da sua produção. Procurou-se também, na seleção das fontes a explorar, ter em conta a diversidade genológica dos textos. Assume-se ainda assim que, no que respeita ao conjunto de fontes exploradas, não apenas em termos quantitativos, mas também em função da diversidade de géneros contemplados, o estudo que se propõe tem um caráter ainda exploratório.

Apresenta-se abaixo a lista das fontes textuais (incluindo textos e conjuntos documentais) a partir das siglas usadas na identificação dos exemplos, sendo as edições correspondentes indicadas no final do texto, antes das (restantes) referências bibliográficas.

CS (séculos XIII e XIV) = *Costumes de Santarém*

DPCAIII (século XIII) = *Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III*

⁵ Devo assinalar que o uso recorrente que faço do termo ‘construção’ não se assume aqui como referente a uma noção que trabalhos como os de, e.o., Traugott & Trousdale (2013) têm procurado delimitar em termos teóricos mais estritos, mas antes remete para uma noção menos precisa (ou mesmo pré-teórica neste âmbito de discussão), mais no sentido, portanto, de Traugott (2003).



DPMDL(DG) (séculos XIII, XIV, XV e XVI) = *Documentos Portugueses do Minho e Douro Litoral (e Documentos Galegos)*⁶
DPNRL (séculos XIII, XIV, XV e XVI) = *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa*
FD (século XIII) = *Flores de Dreyto*
FR (século XIII) = *Foro Real*
PP (século XIV) = *Primeyra Partida*
RSB (século XV) = *Regra de S. Bento* (Alc. 231)
TC (século XV) = *Tratato de Confissom*
LopesJI1 (século XV) = *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes (1ª parte)
ZurDM (século XV) = *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara
ZurPM (século XV) = *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara
CRB (século XVI) = *Chronica dos Reis de Bisnaga*
CoutoDA (XVI-XVII) = *Décadas da Ásia* de Diogo do Couto
PintoPer (1614) = *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto
SousaFBM (1619) = *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires* de Frei Luís de Sousa
ChagasCartas (1662-1681) = *Cartas Espirituais* de António das Chagas
VieiraSerm (1679-1695) = *Sermões* do Padre António Vieira
VieiraFut (1718) = *História do Futuro* do Padre António Vieira
BarrosVPAV (1746) = *Vida do Apostólico Padre António Vieira* de André de Barros
VerneyVME (1746) = *Verdadeiro Método de Estudar* de Luís António Verney
SilvaTeatro (1759) = *Obras Completas* de António José da Silva (vol. I)

3. Descrição dos dados

Tendo como objetivo apresentar de modo sintético os resultados obtidos no levantamento das diferentes formas e construções com *ter* com um valor modal deontico, apresenta-se em seguida um quadro-síntese das ocorrências respetivas, distinguindo: a construção *ser teudo* com INF (coluna 1); outras ocorrências de *ser teudo*, sem INF (coluna 2); ocorrências de *ter que* INF em que *que* funciona como relativo ou há uma leitura ambígua quanto ao funcionamento deste (coluna 3); ocorrências de *ter que* INF em que *que* claramente não funciona já como relativo (coluna 4); ocorrências de *ter de* INF (coluna 5).

⁶ Apenas foram pesquisados os documentos produzidos na Galiza quando não se encontraram atestações em documentos das regiões portuguesas, sendo esse facto assinalado no quadro da secção 3.



Texto (ou conjunto documental) século	1 <i>ser teudo (de / a / por)</i> INF	2 <i>ser teudo (a SN)</i>	3 <i>ter que</i> [rel. / ?] INF	4 <i>ter que</i> INF	5 <i>ter de</i> INF
CS XIII					
DPCAIII XIII					
DPMDL(DG*) XIII	* ⁷				
DPNRL XIII					
FD XIII					
FR XIII					
CS XIV					
DPMDL(DG*) XIV	*				
DPNRL XIV					
PP XIV					
DPMDL XV					
DPNRL XV					
RSB XV					
TC XV					
LopesJI1 XV					
ZurDM XV					
ZurPM XV					
DPMDL(DG*) XVI	*				
DPNRL XVI					
CRB XVI					
CoutoDA XVI-XVII					
PintoPer XVII					
SousaFBM XVII					
ChagasCartas XVII					
VieiraSerm XVII					
VieiraFut XVIII					
BarrosVPAV XVIII					
VerneyVME XVIII					
SilvaTeatro XVIII					

Quadro 1: Ocorrências registadas no corpus

⁷ Os asteriscos do quadro remetem para a indicação ‘D[ocumentos]G[alegos]*’ que se segue à sigla DPMDL (Documentos Portugueses do Minho e Douro Litoral, v. secção 2), e indicam que a construção se atesta apenas, nos casos assinalados, em documentos galegos.



Os dados, a partir de exemplos considerados representativos, serão descritos nas subsecções seguintes, sendo ainda referidas variantes ou outras construções aqui não consideradas. No quadro apenas se assinala, com sombreado, a ocorrência das diferentes construções nos respetivos textos ou conjuntos documentais explorados, não sendo apresentada qualquer quantificação dos dados levantados. Por se tratar de um estudo ainda exploratório, como explicado antes, dadas as limitações de representatividade do corpus explorado, uma quantificação de ocorrências teria uma expressão muito pouco significativa, mas quis-se aqui sobretudo evitar uma interpretação de número de ocorrências como diretamente relacionado com frequência.

3.1. *Ser teudo*

A construção com *ser teudo* (naturalmente incluindo as variantes flexionais em número e género, *teudo/a/s*⁸) e INF está largamente atestada desde os mais antigos registos escritos do português, como já antes referido. Nas fontes aqui usadas, até ao século XV, assinalaram-se muitas ocorrências, em praticamente todos os conjuntos documentais e textos explorados, como se pode observar no quadro. Parece evidente a leitura induzida por esta construção como de um valor modal deontico, em que se marca um valor de obrigação que não depende da vontade do sujeito do enunciado, mas que lhe é imposta por imperativos sociais, nomeadamente de ordem legal ou contratual, religiosos, morais, etc. Assim, a ocorrência da construção é recorrente em textos cujos géneros (e subgéneros⁹) propiciam a expressão desse tipo de valor. Vejam-se alguns exemplos, em testemunhos dos séculos XIII a XV:

- (3) Costume he *que* todo omẽ nõ **e teudo de Jurar** algũa cousa *per* o leyxẽ ã ele *que* pertẽesca ao senhorio. CS XIII
- (4) cõ condiçom *que* essa pessoa a *que* o der **sefa theudo** e se oblique **de pagar** loytosa acostumada. DPNRL XIII
- (5) Assy como nos **sumos teodos de dar** gualardõ dos bees deste mundo aos *que* nos y *seruẽ*, mayormente deuemos dar a Nostro Senhor Ihesu Cristo dos bees terreares. FR XIII
- (6) e o qual mãtjrmẽto os Priores *que* pelo tempo fforã no dicto Monsteiro auiã e **som theudos de dar** ao dicto *conuẽto*. DPNRL XIV
- (7) E sse Recreçer contenda sobre o dicto enprazamento **seiam theudos de Responder** *per* a dicta Egreia. DPNRL XV
- (8) E estes **sõ teudos de** entregar aquello que leuarũ e fazer peẽdença do iuramẽto falso. TC XV

Note-se que no exemplo (5) a ocorrência com *dever* na oração comparativa torna ainda mais evidente a leitura deontica da construção aqui em estudo. O exemplo mais tardio que assinalei, considerando documentos originais datados (e não cópias de datação conjetural, visto que estes poderão efetivamente ser nalguns casos mais tardios) é já de princípios do século XVI (o documento é de 1514):

- (9) quatro allquejres de mjelho *que* ho casall de telhado ã *que* elle *gonçalo* ãnes ora vyue **he teudo** e hobryguado **paguar**. DPNRL XVI

Neste caso a construção não tem preposição (corresponde a *ser teudo* INF), o que se atesta também em vários outros casos, em ocorrências do século XV. Mas não é esta a única variante em construções com INF, atestando-se também *ser teudo a* INF (10, 11) em vários testemunhos dos séculos XIII a XV, e tendo ainda assinalado, neste caso uma única ocorrência, no século XIII, aparentemente correspondente a *ser teudo por* INF (12):

⁸ A representação gráfica destas formas é variável nos testemunhos, assinalando-se, nomeadamente, a marcação ou não da nasalidade da vogal do radical (*tẽudo/a(s)* vs. *teudo/a(s)*), entre outros tipos de variantes (*teodo*, *tiudo*, etc.).

⁹ Com esta designação refiro sobretudo documentos notariais, régios e particulares, diferenciados em função do seu conteúdo específico quanto ao ato que registam, como vendas, emprazamentos, **cartas de** foro, cartas de doação, etc.



- (10) E quanto mouil for achado pelo instrumento do Tabalyõ da terra que nos a el damos; outro tâto e tal. **seia** don Affonso **teudo a dar** áa ordim. DPCAIII XIII
- (11) E conpridamente cõ todallas dictas Rendas que a dicta egreia da carualhosa **forem thiudos a dar**. E pagar. DPNRL XV
- (12) e de utras deuidas que mi e uos auemos que me nom nẽbram que **uos segades teudu pulas fazerdes pagar**. DPNRL XIII

Tenho até aqui referido *ser teudo* com INF como uma ‘construção’, o que de certo modo apontaria para alguma estabilização da relação entre a ‘forma’ – a construção com INF - e o valor que lhe está associado – obrigação. Note-se, porém, desde logo, que a construção admite variação na preposição, e até ausência dela, como referi acima. Este é na verdade um aspeto que se manifesta também, em fases passadas do português, por exemplo com *dever* INF (entre outras estruturas, cf., por exemplo, Said Ali, 1964⁶: 132-137, a propósito do ‘emprego do infinitivo’; v. também Brocardo, 2019: 834-835, especificamente sobre a variação neste aspeto de construções com *dever*). Mas *ser teudo* ocorre também nos testemunhos explorados noutra tipo de estruturas, em que leituras semelhantes, quanto ao valor expresso, são induzidas. Assim, assinalei exemplos de *ser teudo* (14, 15) e *ser teudo a* SN (16,17), parafraseável por ‘ser obrigado’, com sujeito (+) humano:

- (14) Custume he que **nõ sóo theudo** se me alguẽ demãda coussa que lh'eu uẽdesse. sse o achar dessentregado que lha defenda. CS XIV
- (15) E lhe obedeeçam cõ Reuerencia que deuem Nas cousas licítas e honestas. asy como deuẽ e **som thiudos**. DPNRL XV
- (16) mãdarõ a mi mostrar *pruilegios* & Cartas de *meus* antecessores & *my~as per que* diziã que non **erã a aquesto teúdos**. DPCAIII XIII
- (17) costume é que sse o Mayordomo tẽ pegnhorado alguẽ por ssa coomha como *quer que* saya o sseu tempo que a deue a auer sse a uencer & **nõ séer teudo ao outro que** ueer. CS XIII

Ser teudo atesta-se ainda com sujeito (-) humano, o que induz uma leitura um tanto diferente, parafraseável por ‘ser tido / respeitado’. Assinalei este uso apenas num dos testemunhos explorados, a *Regra de São Bento*, em que, curiosamente, não se atestam outros usos de *ser teudo*:

- (17) E muy grande silencio **seja feyto e teudo** aa mesa. RSB XV

Da pesquisa feita no corpus, poderá então concluir-se que o valor associado a *ser teudo* é marcado nos testemunhos não apenas nas estruturas com INF – *ser teudo* (Prep) INF –, estando antes associado a uma construção *ser teudo* passível de ocorrer, com o mesmo tipo de valor, em diferentes estruturas. Esta observação será, talvez, trivial, mas pode ser relevante para a hipotética dissociação diacrónica de *ser teudo* (Prep) INF e a emergência da construção modal *ter de* INF. Outra hipótese que os dados pesquisados permitem formular, a ser naturalmente aferida em estudos com um suporte em pesquisas mais abrangentes, é a de que a construção tenderá a cair em desuso a partir de finais do século XV ou inícios do XVI. Parece provável que esta tendencial obsolescência esteja relacionada com a obsolescência geral das formas participiais em *-ud-*, que se regista em cronologia semelhante, sendo no século XV as formas participiais em *-id-* para verbos de VTe já maioritárias.¹⁰ Não assinalei, de facto, qualquer ocorrência de *ser tido* nos testemunhos analisados, registando-se sempre a forma com *-ud-* em testemunhos daquela época, o que reforça a ideia, já avançada nalgumas das referências citadas (v. nota), de que as formas participiais antigas persistiram até relativamente mais tarde no verbo *ter* (e derivados). É, portanto, a hipótese que coloco aqui a de que, quando definitivamente as formas participiais em

¹⁰ Esta é uma cronologia muito genérica, mas geralmente concordante em obras de referência e estudos de âmbitos diversos que trataram a questão – v. referências em Brocardo 2002: 138-140, e, especificamente sobre a cronologia da expansão das formas em *-ido*, por exemplo, Maia (1986: 749-752) e Cardeira (2005: 203-219).



-*ud-*, incluindo as de *ter*, passaram a *-id-*, a construção *ser teudo*, associada ao valor modal, tenha também tendido a cair em desuso, talvez por estar indissociavelmente ligada à forma com *-u-*. Não quero com isto dizer que a mudança morfofonológica tenha determinado, em termos causais, a obsolescência da construção modal, mas poderá ter funcionado como fator, provavelmente associado a outros,¹¹ que favoreceu o seu desuso.

3.2. *Ter de /que* INF

Na observação dos testemunhos pode-se constatar que as últimas ocorrências de *ser teudo* praticamente coincidem, em termos cronológicos, com as primeiras de *ter* e INF com valor modal deôntico. Mas trata-se neste caso de *ter que* INF, não *ter de* INF, que só registei em testemunhos bastante mais tardios.

No caso das construções que emergem mais cedo, há, no entanto, casos em que o *que* parece funcionar como relativo – teríamos, portanto, uma estrutura *ter SN que* [rel] INF, estando implícito um objeto de *ter* pronominalmente retomado pelo *que*,¹² casos em que não haverá, portanto, a construção modal. Na seleção dos dados considerei também algumas destas ocorrências, sobretudo aquelas cuja leitura parece revelar alguma ambiguidade, assumindo o pressuposto de que as construções modais *ter que* INF que se atestam, já sem ambiguidade, estarão relacionadas com uma possível reanálise de *ter SN que* INF. Esta hipótese, como já referi em nota da secção 1, foi brevemente enunciada, para o espanhol, por Lapesa (2000: 883), que assume a emergência de *tener que* INF a partir de estruturas originalmente com *que* relativo.

No caso do português, tratar-se-ia, pois, de um processo semelhante, caracterizável como resultante de reanálise, a partir de *ter* transitivo, ‘ter alguma coisa que falar’, por exemplo, como se atesta em (18) e (19) (este último repetido de (2) na secção 1):

(18) Nê nos disserã os outros **nõ teemos mais que fallar**, por *que* ja o teemos fallado muytas uezes.
ZDM XV

(19) elrey lhe disse que se não agastase, que folgase algũs dias, que lhe queria mamdar mostrar algũas cousas, e que **tinha que fallar** com elle. CRB XVI

Em casos como os exemplificados, poder-se-á considerar que se gera alguma ambiguidade entre a estrutura com *que* relativo e a nova estrutura (‘ter alguma coisa que falar’ / ‘ter que falar alguma coisa’). Assim, teríamos aqui um contexto crucial no processo que levará à gramaticalização da construção *ter que* INF, um tipo de contexto caracterizado como ‘bridging context’ por Heine (2002: 84). Na formulação do autor, estes contextos «trigger an inferential mechanism to the effect that, rather than the source meaning, there is another meaning, the target meaning, that offers a more plausible interpretation of the utterance concerned. (...) While the target meaning is the one most likely to be inferred, it is still cancellable (...) that is, an interpretation in terms of the source meaning cannot be ruled out.». Numa diferente formulação, também Diewald (2006: 4-5) caracteriza contextos semelhantes, que designa como ‘critical contexts’, do seguinte modo: «This is characterized by multiple structural and semantic opacity, thus inviting several alternative interpretations, among them the new grammatical meaning.».

Confrontando as duas definições, notar-se-ão diferenças, mais ou menos subtis, quanto à caracterização destes tipos de contextos, nomeadamente quanto à plausibilidade das interpretações alternativas que geram, mas importa aqui sobretudo reconhecer a possibilidade de leituras diferentes associáveis a uma mesma sequência,

¹¹ Entre outros fatores cuja influência poderá ter operado neste processo, haverá que explorar a competição de construções que nos testemunhos claramente aparecem como alternativas a *ser teudo* (Prep) INF, como acontece com as construções com *dever* (Prep) INF.

¹² Cf. a descrição de Veloso (2013: 2084-2085): «há um contexto particular que aceita [o pronome relativo *que*] em orações relativas com antecedente implícito: trata-se de frases em que a construção relativa é complemento do verbo existencial *haver* ou de verbos como *arranjar*, *procurar* e *ter* quando são usados com valor existencial e em que o verbo da oração relativa tem a forma infinitiva.», sendo apresentados exemplos como *tenho que fazer*.



cuja estrutura, em resultado dessa ambiguidade, poderá ser reanalisada, levando à emergência, neste caso, de uma nova construção.

Exemplos semelhantes aos transcritos acima, com diferentes verbos, atestam-se no corpus ao longo dos séculos seguintes:

(20) Quase em todas as terras, especialmente em as pequenas, me ficou defronte o Senhor São Miguel, e não se pode crer o fruto que se colhe de almas e a destruição do reino do demónio e o aumento no império de Nosso Senhor Jesu Cristo; as pazes que se fizeram, é um prazer. Só eu **tenho que chorar**, pois me acho cada vez peor, mais desaproveitado e miserável. ChagasCartas XVII

(21) O dizer que se devem distinguir na pronúncia nem menos persuade; porque eles mesmos admitem que s e c, antes de e e i, pronunciam-se da mesma sorte; onde não **têm que se escandalizar**. Verney XVIII

Se os exemplos acima poderão ainda considerar-se de leitura ambígua quanto ao funcionamento de *que* (como relativo ou não), surgem também exemplos de estruturas aparentemente não ambíguas, como no exemplo abaixo, o único que assinalei no século XV, em que o objeto expresso de *auer* (aqui num uso transitivo ‘possessivo’) parece não deixar dúvidas quanto ao funcionamento de *que* como não relativo:

(22) e ficarã aquy também dos meus caualleyros Dyegaffonso Leitam e (...). E dos scudeyros aquelles que uyr *que perteeçê*. E assy cõ estes como cõ os moradores da villa **tenho que auer** ahy gente que abaste *pera sayr* quando *comprir*. ZDM XV

Além deste exemplo, só assinalei ocorrências semelhantes, isto é, já denotando um funcionamento claro da construção modal *ter que* INF, a partir do século XVII, como se exemplifica em (23) a (25), mas, mais uma vez, este dado poderá ser pouco significativo, dada a assumida limitação do corpus.

(23) Dou a Vossa Mercê as graças do aviso, e sempre que **tenha que me fazer** algum, que importe, lhe mando rompa as ordens contrárias, seja por onde quer que for. ChagasCartas XVII

(24) Acometeu-o ainda na ternura dos anos uma grave doença, e parecendo chegar com pequena carreira ao acaso aquela vida, deu o Céu na voz de um profético espírito (como se crê) o primeiro prognóstico do grande giro, que em dilatada esfera **tinha que fazer**. BarrosVPAV XVIII

(25) Com que, considerado bem tudo isto, **não tem que se maravilhar** Vossa Paternidade de que um método, que louvam tanto os homens doutos, tenha tido tão mau recebimento em várias partes. VerneyVME XVIII

Além dos testemunhos acima, são textos de teatro que, no século XVIII, oferecem outras atestações desta construção, mais uma vez já inequívocas quanto ao seu estatuto de construção modal, como se observa em (26) e (27), ainda que no mesmo testemunho se ateste igualmente um caso em que há ambiguidade (28), ou em que é mesmo induzida uma interpretação preferencial de *que* como relativo:

(26) Vamos ao testamento, que **tenho que ir** dar de beber às minhas bestas. SilvaTeatro XVIII

(27) Valeroso Montesinos, não **tens que me agradecer** esta ação. SilvaTeatro XVIII

(28) Não há cousa como um criado ser bem procedido de unhas em fora, que logo **não tem que temer, nem que cuidar**; e para que vejais o quão pouco se me dá disso, vamos vendo esta feira. SilvaTeatro XVIII

Note-se que em (27) está expresso o objeto direto do verbo (*agradecer esta ação*) e, de modo muito claro, em (26) temos *ir*, incompatível com *que* relativo. É justamente este mesmo testemunho aquele em que encontrei as atestações de *ter de* INF no corpus, o que parece indiciar a possibilidade de variação entre *ter de* e *ter que* nesta construção:



(29) Pois que **tenho de ser** governador de uma ilha, que diz meu amo, que me há de dar, não quero patuscadas. SilvaTeatro XVIII

(30) Ouves tu, amanhã **tenho de dar** um banquete aos meus discípulos. SilvaTeatro XVIII

A análise do corpus permitiria assim avançar a hipótese de que *ter de* INF é uma inovação que emerge posteriormente, em variação com *ter que* INF, esta já gramaticalizada como construção modal, embora, obviamente, haja que explorar um conjunto mais alargado de testemunhos desta época, e de épocas posteriores, para fundamentar de modo mais sólido esta conclusão. Não deixa, ainda assim, de ser sugestivo o facto de ambas as alternativas se atestarem no mesmo testemunho.

Outro dado ainda aponta a clara necessidade de uma exploração mais exaustiva, neste caso da documentação remanescente mais antiga. Além de exemplos idênticos aos já apresentados, assinei apenas dois, isolados na documentação anterior, que a seguir transcrevo:

(31) stabelesceu nosso Senho[r] Rej. de sseus Ricos homens *que non [...]* a Casa del Rej senõ *per* duas cousas a hũa sse nosso Senhor el Rej. enuiar *por* eles. e á outra é. sse **teueren algũa cousa dadubar** cõ nosso Senhor el Rej. DPNRL finXIII-prXIV

(32) assim *que* quãto eu isto melhor conheço: tanto *vos* mays **tenho** em seruiço de o fazerdes, e não quero *que* esteis lã mays *que* em quãto sentirdes *que* he compridoyro pera ho *que* **têdes descreuer** e a vos aprouer. ZDM XV

No caso de (31), e note-se a data, precoce neste contexto, trata-se de uma estrutura *ter* SN *de* INF, talvez parafraseável como ‘ter alguma coisa de (‘para’) adubar’, aparentemente de leitura não ambígua quanto ao funcionamento de *ter* como transitivo, que se evidencia de resto pela ordem de palavras. Já no caso de (32) parece legítimo assumir alguma ambiguidade na leitura (‘ter alguma coisa de (‘para’) escrever / ter de escrever alguma coisa’), ou seja, tratar-se-ia de uma sequência idêntica a outras antes exemplificadas no que respeita à ambiguidade quanto ao estatuto de *que* (‘ter alguma coisa que fazer’ / ‘ter que fazer alguma coisa’). Tratando-se, porém, de ocorrência única nos testemunhos analisados, não representada em testemunhos posteriores, poderá continuar a inferir-se que não foi a estrutura com *de*, mas sim com *que*, que originalmente veio a gramaticalizar como construção modal.

Assumindo, portanto, a hipótese, que parece mais sustentada pelos dados, de uma emergência da construção modal deôntica com *ter* a partir da reanálise de estruturas com *que* (*ter que* [rel] INF > *ter que* INF), restaria discutir a emergência da variante com *de* na construção modal. A hipótese que pode construir-se à partida é de que essa variante tenha emergido por efeito da competição entre *ter* e *haver*. Como já referido (secção 1), os dois verbos competem desde cedo na diacronia do português em diferentes funcionamentos, tendo mais geralmente essa competição resultado na substituição de *haver* por *ter*. No caso das perífrases modais é de crer que a competição tenha também tido o seu papel na diacronia de *haver* e *ter*, mas aqui a emergência aparentemente tardia de *ter* neste tipo de usos, associada à persistência de *haver* em perífrases modais, ao contrário do que aconteceu noutros funcionamentos, poderá ter contribuído para ditar um resultado diferente, que seria de tendencial ‘diferenciação’ dos valores expressos, um resultado também possível como resultado de competição (De Smet *et. al.*, 2018). A discussão deste aspeto, porém, está já fora do âmbito do presente trabalho, visto que implicaria a análise comparativa de ocorrências de ambos os verbos em estruturas com INF. Ainda assim poder-se-á apenas formular uma hipótese, quanto à ‘atração’, também referida por De Smet *et. al.* (2018), neste caso formal, entre as construções com os dois verbos, que poderia explicar a emergência da variante *ter de* INF, por influência de *haver de* INF. Recorde-se que Lapesa refere, para o espanhol, o ‘contágio’ que *haber de* teria exercido sobre *tener que*, levando à emergência da variante *tener de* (v., também sobre o espanhol, Fernández Martí, 2018: 163).



4. Conclusão

Sintetizando o que foi apresentado neste trabalho, parece confirmar-se a hipótese inicial quanto à dissociação diacrónica das construções *ser teudo de* INF e *ter de* INF. Embora exprimindo o mesmo tipo de valor, caracterizável como modal deôntico, os dados levantados claramente apoiam a ideia de uma não relação, em termos diacrónicos, entre as duas construções. *Ser teudo de* INF ocorre, nos testemunhos mais antigos, com valor de obrigação, mas a construção *ter de* INF só emerge, aparentemente como variante de *ter que* INF, em época muito posterior. Quanto ao desuso de *ser teudo* (incluindo não apenas *ser teudo de* INF mas outras estruturas), colocou-se a hipótese de que este esteja relacionado com a mudança *-ud-* > *-id-* nas formas participiais dos verbos de VTe, podendo o valor expresso estar estritamente associado à forma participial com *-u-* do verbo, eventualmente entre outros fatores, uma vez que não se assinalaram ocorrências de *ser tido* com este tipo de valores.¹³

No que respeita à emergência da construção modal deôntica com *ter* (em forma não passiva) e INF, os dados analisados sugerem que ela terá sido originada a partir da reanálise de estruturas *ter que* [rel] INF em contextos favorecedores de ambiguidade, caracterizáveis como ‘bridging’ ou ‘critical’ (Heine, 2002; Diewald 2006), e que permitiriam já uma leitura de *ter que* [não relativo] INF. A atestação relevante de *ter de* INF, apenas no século XVIII (confirmando a datação já avançada por Said Ali 1964⁶: §829), sugere que esta construção terá emergido como variante de *ter que* INF, hipoteticamente influenciada, em termos formais, por *haver de* INF, construção com valor próximo, em que se associam a expressão de um valor temporal de futuro e um valor modal deôntico, e se atesta desde os testemunhos mais antigos (v., p. ex., Mattos e Silva, 2008; Brocardo, 2013).

Do que foi possível observar neste trabalho, surge, assim, não só a necessidade, evidente, de alargar o corpus explorado, tornando-o quantitativa e qualitativamente mais representativo, mas também de empreender um estudo comparativo de *ter* e *haver* neste tipo de construções, tendo em vista sustentar a hipótese avançada sobre o papel da competição entre os dois verbos nas mudanças, formais e de valor, que as construções modais deônticas terão sofrido diacronicamente. *Ter de* INF teria, assim, surgido por ‘atração’ (formal) de *haver de* INF, construção largamente atestada com valores deônticos de necessidade / obrigação nos textos mais antigos, eventualmente como efeito de analogia. Esse tipo de valores tenderia a transferir-se depois para *ter de* INF, com ‘diferenciação’ (de valores) tendencial entre as duas construções. A confirmar-se esta hipótese, poderá vir a demonstrar-se que ‘atração’ e ‘diferenciação’ se podem correlacionar de diferentes modos nas mudanças de formas e, neste caso, de construções, em competição, como sustentado por De Smet *et. al.* (2018).

Termino com uma nota marginal, a propósito da variação *de / que* nas construções com *ter* e INF em português contemporâneo. Embora algumas prescrições normativas tendam a privilegiar *ter de* (como é referido, por exemplo, em Oliveira & Mendes, 2013: 646), esta será, afinal, a construção mais inovadora,¹⁴ pelo que não será a maior ‘antiguidade’, muitas vezes invocada pelos normativos, um argumento realmente válido neste caso.

¹³ Como é sabido, não se preservam formas participiais com *-ud-* em português, persistindo apenas *conteúdo*, como forma nominal, que diverge assim de *contido*. Formas com *-ud-* de origem participial em formas de *ter* e *manter* persistem, porém, na expressão fixa *teudo/a* e *manteudo/a*, v., p. ex., Bento Pereira (1605-1681) *Thesouro da lingua portugueza*, acessível em *Corpus Lexicográfico do Português*: <http://clp.dlc.ua.pt/DICiweb>.

¹⁴ Ao contrário, em espanhol prevalece *tener que* e *tener de* é considerado ‘antiquado’ e ‘pouco adequado’. Mas refira-se também que a propósito da dúvida sobre qual será a construção mais ‘correta’ em português, já Carlos Rocha, consultor do Ciberdúvidas, manifesta uma posição mais informada, nomeadamente referindo atestações do século XIX de *ter que* INF em que *que* não é pronominal – cf. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ter-de-vs-ter-que/34000>.



Referências

Referências das edições das fontes e corpora

- [BarrosVPAV] Barros, André de (1746) *Vida do Apostolico Padre António Vieira*. Lisboa: Officina Sylviana. (Fonte *Tycho Brahe*)
- [ChagasCartas] Lapa, M. Rodrigues (1939) *Cartas Espirituais* de António das Chagas. Lisboa: Sá da Costa. (Fonte *Tycho Brahe*)
- [CoutoDA] Baião, António (1947) *Décadas da Ásia* de Digo do Couto, Vol 1. Lisboa: Sá da Costa. (Fonte *Tycho Brahe*)
- [CRB] Lopes, David (1897) *Chronica dos Reis de Bisnaga*. Lisboa: IN. (fonte *CIPM*)
- [CS] Rodrigues, Maria Celeste Matias (1992) *Dos Costumes de Santarém*. Lisboa: FLUL (Dissertação de Mestrado inédita). (Fonte *CIPM*)
- [DPCAIII] Duarte, Luís Fagundes (1986) *Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III* (Edição). Lisboa: FLUL (Dissertação de Mestrado inédita). (Fonte *CIPM*)
- [DPMDL(DG)] Maia, Clarinda de Azevedo (1986) *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal do século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: INIC. (Fonte *CIPM*)
- [DPNRL] Martins, Ana Maria (2001) *Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: IN-CM.
- [FD] Roudil, Jean (2000) *Flores de Dereyto* (versão em português). In *La Tradition d'écriture des 'Flores de Derecho'. Construction et étude*, Tome I, Vol. I. Paris: Séminaire d'Etudes Médiévales Hispaniques de l'Université Paris 13, pp. 200-297. (Versão de acordo com a edição originalmente realizada por Brocardo, Maria Teresa)
- [FR] Ferreira, José de Azevedo (1987) *Afonso X. Foro Real. Edição, Estudo Linguístico e Glossário*. Vol. I. Lisboa: INIC. (Fonte *CIPM*)
- [LopesJI1] Almeida, Manuel Lopes (1945) *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, Vol. I. Porto: Livraria Civilização (segundo o códice nº 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo). (Fonte *CIPM*)
- [PintoPer] Monteiro, Adolfo Casais (1984) *Perigração* de Fernão Mendes Pinto. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Fonte *Tycho Brahe*)
- [PP] Ferreira, José de Azevedo (1980) *Alphonse X. Primeyra Partida. Edition et Etude*. Braga: INIC. (Fonte *CIPM*)
- [RSB] Costa, Sara Figueiredo (2007) *A Regra de S. Bento em Português. Estudo e edição de dois manuscritos*. Lisboa: Colibri / FCSH-UNL.
- [SilvaTeatro] Tavares, José Pereira (1958) *Obras Completas* de António José da Silva (o Judeu), vol. I. Lisboa: Sá da Costa. (Fonte *Tycho Brahe*)
- [SousaFBM] Melo, Gladstone Chaves & Aníbal Pinto de Castro (1984) *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires* de Frei Luís de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Fonte *Tycho Brahe*)
- [TC] Machado, José Barbosa (2003) *Tratado de Confissom – Edição Semidiplomática, Estudo Histórico e Linguístico*. Braga: APPACDM. (Fonte *CIPM*)
- [VerneyVME] Salgado Filho, António (1949) *Verdadeiro Método de Estudar de Luís António Verney*. Lisboa: Sá da Costa. (Fonte *Tycho Brahe*)
- [VieiraFut] Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1971) *História do Futuro* do Padre António Vieira. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Fonte *Tycho Brahe*)
- [VieiraSerm] Alves, Gonçalo (1907) *Sermões* do Padre António Vieira Porto: Livraria Chardron - Lello & Irmão Editores. (Fonte *Tycho Brahe*)



- [ZurDM] Fernandes, Adriano (2007) *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vol. II. (Dissertação de doutoramento).
- [ZurPM] Brocardo, Maria Teresa (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*. Lisboa: FCG / JNICT.

CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval

<http://clunl.fcsh.unl.pt/recursos-em-linha/corpus-informatizado-portugues-medieval-cipm>

Corpus Histórico do Português Tycho Brahe

<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus>

Outras referências

- Berg, Thomas (2014) Competition as a unifying concept for the study of language. *The Mental Lexicon* 9, pp. 338-370.
- Brocardo, M. Teresa (2002) Sobre a mudança *-udo > -ido* nas formas de participio passado em português. In: Mateus, Maria Helena Mira & Clara Nunes Correia (eds.) *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Colibri, pp. 137-145.
- Brocardo, M. Teresa (2006) *Haver e ter* em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV. *Revue de Linguistique Romane* 70, pp. 95-122.
- Brocardo, M. Teresa (2009a) Formas e construções do português – um programa de trabalho. In: Leonor Werneck dos Santos *et al.* (orgs.) *Anais do XV Congresso da Assel-Rio. Linguagens em diálogo: Pesquisa e ensino na área de Letras*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. (Cd Rom)
- Brocardo, M. Teresa (2009b) Nótulas históricas – uma (re)leitura de Campos (2000). In: Brocardo, M. Teresa (org.) *Cadernos WGT - Ler Campos*. Lisboa: CLUNL / NOVA FCSH, pp. 13-18.
- Brocardo, M. Teresa (2013) Sobre o 'futuro' - formas e construções marcadoras de posterioridade em textos portugueses dos séculos XIII a XV. In: Rosario Álvarez *et al.* (eds.) *Ao sabor do texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 77-90.
- Brocardo, M. Teresa (2018a) Usos epistémicos de *haver e ter* em português antigo. *Revue de Linguistique Romane* 82, pp. 353-376.
- Brocardo, M. Teresa (2018b) *Haver e ter* – balanços e perspetivas. In M. Teresa Brocardo & Clara Nunes Correia (orgs.) *Cadernos WGT - (Novos) Balanços e Perspetivas*: Lisboa: CLUNL / NOVA FCSH, pp. 35-38.
- Brocardo, M. Teresa (2019) Sobre fontes para a história do português: testemunhos, edições e variantes. *Zeitschrift für romanische Philologie* 135(3), pp. 818-844.
- Brocardo, M. Teresa & Clara Nunes Correia (2005) *Ter paz e fazer guerra* – aspectos sincrónicos e diacrónicos de predicados complexos. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 16, pp. 25-35.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1971) *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha* de João de Barros Lisboa: Fac. de Letras da Univ. de Lisboa.
- Cardeira, Esperança (2005) *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- De Smet, Hendrik *et al.* (2018) The changing functions of competing forms. Attraction and differentiation. *Cognitive Linguistics* 29 / 2, pp. 197-234.
- Diewald, Gabriele (2006) Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9/2006. www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6860.



- Fernández Martí, Patricia (2018) *Perífrasis verbales de infinitivo en el español áureo: entre las unidades fraseológicas y las estructuras disjuntas*. Biblioteca Fraseológica y Paremiológica. Serie Monografías 7. Centro Virtual Cervantes.
- Fischer, Olga (2013). An inquiry into unidirectionality as a foundational element of grammaticalization: on the role played by analogy and the synchronic grammar system in processes of language change. *Studies in Language* 37 (3), pp. 515-533.
- Heine, Bernd (2002) On the role of context in grammaticalization. In. Ilse Wischer & Gabriele Diewald (eds.) *New Reflections on Grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 83-101.
- Heine, Bernd (2003) Grammaticalization. In. Brian Joseph & Richard D. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell, pp. 575-601.
- Hopper, Paul J. & Elizabeth Closs Traugott (2003²) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lapesa, Rafael (2000) *Estudios de Morfosintaxis Histórica del Español*. Madrid: Gredos.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986) *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal do século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: INIC.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1989) *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2008) *O Português Arcaico. Uma Aproximação*, Vol. I. Lisboa: IN-CM.
- Oliveira, Fátima & Amália Mendes (2013) Modalidade. In. E. B. Paiva Raposo et. al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I, pp. 623-669.
- Veloso, Rita (2013) Subordinação relativa. In E. B. Paiva Raposo et. al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. II, pp. 2061-2133.
- Said Ali, Manuel (1964⁶) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- Traugott, Elizabeth Closs (2003) Constructions in grammaticalization. In Brian D Joseph & Richard D. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell, pp. 624-647.
- Traugott, Elizabeth Closs & G. Trousdale (2013) *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.

